

# UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

## PROJETO PIBID/UFPR/CAPES

### Relatório anual Antonia Mara

No mês em que trabalhamos o handebol, tanto para o 6º e 9º ano, o jogo 6x1 com as regras e fundamentos. O desentendimento entre os(as) alunos(as) foi evidente, a monopolização dos meninos pela bola foi reclamação frequente pelas meninas onde tivemos que intervir por diversas vezes. Este dia foi bem atípico na escola, houve muitas brigas nas aulas e no recreio onde o mais grave foi a briga entre duas alunas, uma do 8º ano e outra do 6º ano, foi de tamanha violência física. A aluna do 8º ano participava do projeto de futsal e foi retirada pelo professor Mário por conta do fato ocorrido.

Trabalhamos também as artes circenses, com retalhos de tule, sendo muito importante para a coordenação motora e desenvolvimento corporal, social e intelectual, descoberta e capacidades, saindo dos esportes usuais trazendo a possibilidade de novas descobertas. Houve muito desinteresse por parte de alguns alunos(as), mas, também muitos alunos que curtiram muito, foi nessa dia que descobri que jogos cooperativos, lúdica, ginástica é o que mais gosto de trabalhar

O street ball também foi apresentado para os alunos(as), uma forma livre de se jogar basquete, com regras, mas, com criatividade e jogo de cintura para desenvolver jogadas como uma forma de espetáculo, promovendo a ciração, socialização e expressão, houve muito interesse por parte dos alunos do 9º ano por ser uma atividade prazerosa, eles fizeram pesquisas sobre o esporte que é uma novidade no meio escolar.

O futebol americano foi um dos esportes que mais chamou a atenção de todos(as) por ser incomum, tanto no 6º e 9º anos, o contato com a bola que é diferente, as maneiras de manusear a bola, de lançar. No 6º ano o professor trabalhou com a bola mas com as regras do basquete, já no 9º foram feitas jogadas do futebol americano. As aulas foram tranquilas e proveitosas.

Em um dado momento do segundo semestre o professor Mário nos cedeu gentilmente uma aula para apresentarmos aos alunos do 6º ano, um jogo pedagógico que fazia parte da disciplina de esportes aquáticos, nós alunos da Educação Física da UFPR montamos um plano de aula especialmente para o colégio, sendo necessária para complementarmos a nota do semestre. A partir do princípio em que começamos as atividades com os alunos, percebemos que entre vinte alunos apenas dois no máximo conheciam sobre os esportes aquáticos apresentados, sendo assim, para eles foi uma novidade poder estar fazendo na escola descobertas sobre esportes pouco comentados na mídia e desconhecido pela grande maioria da população, todas as etapas foram executadas com entusiasmo, pois, toda a maioria dos quase setenta alunos se divertiram e com o lúdico aprenderam o básico de cada modalidade. Os alunos interagiram muito bem com a aula e aprenderam se divertindo.

As atividades que trabalhamos o ano todo na disciplina de educação física não são somente focados em um corpo físico, na qual se faz importante para o bom desenvolvimento corporal e o conhecimento dos(as) alunos(as) do seu próprio corpo e também dos outros, mas vai além disso, trabalha as capacidades cognitivas, motoras como equilíbrio e criatividade se reconhecendo como indivíduo, e a socialização fazendo com que se relacionem e se aceitem com respeito.

Na maioria das aulas os conflitos foram recorrentes tanto entre meninos, como entre eles e as meninas, fica evidente que eles ainda tem a necessidade de se sobressair, de serem “melhores” entre si e não aceitam que as meninas tenham a mesma capacidade de aprender e serem boas nos esportes apresentados e por muitas vezes fazem comentários machistas como: “as meninas não sabem jogar”, “elas são muito ruins”, isso também acontece com aqueles alunos que não tem um relacionamento tão próximo com as atividades físicas, o preconceito também é realidade no Colégio xingamentos como “nego burro”, “mulherzinha” relacionando com os garotos que não tem facilidades para os jogos, também ofensas com palavras pejorativas entre os meninos, e entre meninos e meninas. Mas em alguns casos o professor interveio fazendo com que os agressores refletissem e mudassem suas atitudes. As atividades que levei, descritas algumas nos planos de aula, faz com quem o contato entre eles aconteça e precebam-se entre si como seres humanos capazes de se relacionar e de se respeitar e que incluam a todos(as) com as atividades lúdicas-cooperativas, nem percebendo essa relação. Levar esses modelos de atividades é mais importante e de grande resultado, como por exemplo, o aluno autista do 6º ano, tem muitas dificuldades de entender e executar as atividades, ele tem sobrepeso e um problemas nos pés, e em uma dessas aulas teve seu momento de auge com “o cabo da paz” por ter força maior do que os da maioria, sua equipe venceu por essa capacidade especifica dele. Procurar formas de encontrar essas capacidades de cada um através da observação e levar atividades com que os alunos descubram seu brio e tenham mais satisfação de participar das aulas e se aperfeiçoem. Assim se faz um bom profissional da educação, pesquisando maneiras de incluir a todos(as) rejeitando qualquer forma de discriminação, evidente que chega a ser uma utopia uma educação perfeita e com igualdade.

Pensar sobre as práticas corporais além dos aspectos biológicos e sua constituição, que as atividades sejam pautadas na dimensão cultural. Pensar a educação física e cultural utilizar como fonte de análise o processo de pedagogização do jogo. As brincadeiras livres das crianças passa pelo processo de escolarização e o lúdico torna-se chamariz para o interesse dos alunos. Para Andrade (2002) o jogo é importante para a aprendizagem social, de criatividade e do coletivo, levando os alunos(as) a reflexão as dificuldades apresentadas diálogo coletivo para a solução desses problemas.